

## São Romão

São Romão, Abade, no Franco Condado, no Jura Francês (28 de Fevereiro) / São Romão, monge num mosteiro próximo de Subiaco (22 de Maio) / São Romão, mártir (9 de Agosto) / São Romão, diácono de Cesareia, mártir de Antioquia (13 de Setembro) / São Romão, o Cantor (1 de Outubro) / São Romão, bispo de Ruão (23 de Outubro) / São Romão de Blaye, presbítero (24 de Novembro). O "Martyrologium Hieronymianum" menciona vários mártires com este nome em muitas datas.

Na diocese do Porto, há uma devoção a S. Romão que não é despicienda. Estamos perante variadíssimos santos com o mesmo nome que, por vezes, poderá não ser fácil identificar, sem recurso às origens e motivos da devoção popular. É interessante elencar: bispo, abade, presbítero, diácono, monge, mártir e cantor. Poderá até acontecer uma mescla iconográfica que espelha certa perda de identidade e, por consequência, a criação de um tipo híbrido. Serão, por isso, bem-vindos os estudos particulares e aprofundados a fim de se conhecer a origem da devoção local e o seu posterior desenvolvimento. Também é de interesse pastoral o esforço de purificação da iconografia, a fim de esclarecer a mensagem que os nossos padroeiros querem transmitir-nos.

Na diocese do Porto, 7 paróquias têm como patrono São Romão.

### – São Romão, diácono mártir ou São Romão de Antioquia (Festa, 13 de Setembro).

Lat.: Romanus. Fr. Arc.: Arroman, Roman, Romanet, Rome. Fr.: Romain d'Antioche. It.: Romano. Ingl., Al.: Romanus. Pt.: Romão

Diácono de Cesareia, mártir de Antioquia (303)

Soldado que se converteu, ao assistir, em 258, em Roma, ao martírio de São Lourenço. Diácono da Igreja de Cesareia, estaria em Antioquia da Síria, quando começou a grande perseguição de Diocleciano (ou Gaius Aurelius Valerius Diocletianus Augustus [244-311]).

Vendo que o prefeito romano entrara numa igreja para a destruir, exortou os cristãos a resistir. Foi preso, torturado e cortaram-lhe a língua.

Segundo a narrativa de Aurélio Prudêncio, durante as torturas que sofreu, às mãos de Asclepiades, que tinha tentado arrasar a sua igreja na Síria, foi-lhe cortada a língua para não continuar a exortar os pagãos, à conversão. A tradição cristã apresenta como facto milagroso que, apesar disso, São Romão tivesse continuado a falar sem a língua. Para o calarem definitivamente, estrangularam-no na prisão.

Um menino, de sete anos que se tinha convertido ao cristianismo e que o presenciava, chamado Várula (Barula ou Várulas), pôs-se a proclamar a divindade de Cristo, o que fez com que fosse igualmente torturado e decapitado, diante da própria mãe.

### CULTO

O culto de São Romão espalhou-se por todo o Ocidente, graças ao poeta Prudêncio que escreveu sua Paixão e a tradução foi divulgada por toda a Idade Média.

Em Lucca há duas igrejas sob sua advocação, em França foi-lhe dedicada a de Saint Romain le Puy (Forez) e, em Espana, Sevilha, a de San Román.

Júlio Dinis refere uma destas romarias ao São Romão, no norte de Portugal: «A romaria! As romarias! Grata recordação daquela gente do campo! As hora rápidas de gozo, que, um só desses dias de festa lhes dá, compensa-lhe de sobra as continuadas fadigas da vida tão trabalhada e penosa. Em torno à pequena ermida, onde cada ano afluem, de tão longe, essas piedosas peregrinações de devotos, parece esvoaçar de contínuo, uma turba de espíritos alados que nos segredam histórias de tantos amores, nascidos ali e ali santificados, junto ao

altar das dádivas votivas se amontoam, a velar pelo seu destino e a proporcionar-lhes o céu». Júlio Dinis – Serões na Província.

### **Iconografia**

Representado com dalmática e com um livro na mão e a palma de mártir na outra. Tem como atributo a *língua arrancada* ou a cabeça, que leva na mão. (Neste último caso entra na categoria dos santos cefalóforos).

### **Representações**

**Século XIII:** Frescos que representam cenas do seu martírio. Igreja de Saint Roman le Puy (Loire). São Romão é encarcerado; o verdugo corta-lhe a língua e de seguida a cabeça. **Século XV:** Matteo Civitali. Imagem em relevo sobre o túmulo do santo. Igreja de San Romano, Lucca. **Século XVII:** Zurbarán. Quadro pintado em 1638 para a igreja de San Román de Sevilla. Art Institute, Chicago.

## **– S. Romão, Abade (Festa 28 de Fevereiro) e o seu irmão São Lupicino (21 de Março fundadores de mosteiros, na região da Borgonha, séc. V ou VI.**

Lupicino e Romão, irmãos, eram filhos de pais nobres. De comum vontade, foram viver um ermo daqueles sítios: de Lyon (França), partilhando as suavidades do Reno e do Ródano ou do Loire entre a Borgonha e Alemanha. Aqui viveram, como dois anjos, separados um do outro, fazendo oração contínua, alimentando-se de raízes e ervas, em abstinência rara e virtude grande, para quem tinha sido criado para prazeres e farturas. Mas o demónio que nunca se distrai, invejoso, certamente, de tanta glória destes protegidos servos de Deus, começou a fazer-lhes dura guerra, atirando-lhes tantas pedras, a todo o momento, que mais pareciam de chuva que arremessadas. Ao fim de algum tempo, extenuados, começaram a fraquejar e mudaram de lugar. Tendo andado algumas milhas, com a decisão de voltarem a casa, veio a noite e acolheram-se na casa de uma pobre aldeã que os recebeu e lhes perguntou para onde iam. Responderam-lhe, não sem alguma hesitação, que eram soldados de Cristo, em fuga do inimigo, que deixaram triunfante e glorioso. E contaram-lhe tudo o que lhes sucedera. A mulher, tendo ouvido com atenção, percebeu que, a causa verdadeira, fora o medo do demónio. Disse-lhes, então: *Convinha, ó varões de Deus, que, com valentia e coragem, resistísseis ao inimigo. Pois não sabíeis que a serpente venenosa do inferno só procura afastar-vos dos vossos santos propósitos e perder-vos? Não sabíeis que, por inveja e desespero, ao ver que, pela penitência e oração, os homens alcançam os patamares soberanos e vão ocupar o sólio eterno que ele perdeu por soberba e, desesperado sempre prepara ardis e astúcias para afastar, quanto pode, o homem, de tanta glória? Não sabíeis também que é maior a sua confusão quando se vê vencido por quem é mais fraco e lhe faz guerra? Eia pois, ó soldados de Cristo, não desanimeis: empunhai as armas, que o traidor inimigo, tão vaidoso com a vitória passada, ainda está na liça, temeroso de regressardes à investida. Porque ele sabe muito bem que, se o fazeis em nome do Senhor, haveis de o vencer, ajudados pela sua divina graça. Não temais, pois que é uma frágil mulher que vos anima e assegura a vitória do vil e covarde inimigo.*

Ficaram tão envergonhados, ao ver-se tratados assim, por uma pobre mulher e, por outro lado, tão animados, com os seus entusiasmados conselhos que, deixando-a, sem saber o que responder, disseram um para o outro: *Ai de nós! E que faremos, tendo assim pecado contra Deus, abandonando os nossos propósitos? Uma pobre mulher nos acusa de preguiçosos e covardes? Como é possível?! E tornamo-nos, agora, por esse mundo fora, um escândalo? E daremos ocasião ao inferno de se gloriar de triunfo, por nos faltar o valor de lho arrancarmos das mãos? Isso não, não há-de acontecer. Não se há-de burlar, o infernal dragão, nem há-de dizer que pôde mais que a graça do Espírito Santo que nos havia conduzido ao deserto. Voltaremos, e veremos que, projectos, contra nós, inventará o covarde. Pois ouvimos esta mulher – e, sem dúvida, que foi a voz de Deus – que não devemos temê-lo, se confiamos em Deus. Acabadas estas razões, animaram-se com o sinal da cruz e, tomando nas mãos os seus bastões, sem, à pressa, se atreverem a dizer qualquer coisa à sua hóspede, regressaram ao deserto. A serpente de Averno (subterrâneo) logo que os viu a segunda vez em campanha,*

voltou novamente a persegui-los. Mas, fazendo pouco caso da sua astúcia e das regressadas pedras que sobre eles choviam, perseverando dia e noite em orações, jejuns e penitências, alcançaram, da misericórdia infinita do nosso grande Deus, que o demónio fosse corrido e envergonhado, que a tentação passasse e que perseverassem, livres da incómoda moléstia, com ânimo alegre e pacífico, no serviço de Deus, dando-lhe graças por tanta comiserção.

Começou a correr, pelas aldeias daqueles desertos, a fama da virtude dos valorosos soldados de Cristo e principiaram a aparecer solitários, aldeãos e cidadãos, uns para alívio das suas aflições, outros apenas para venerá-los e outros, ainda, para imitá-los em tão santa vida. Tantos foram estes últimos que resolveram fundar um mosteiro, em que vivessem todos na obediência de um, a quem os outros se sujeitassem e, por cuja direcção, tudo se governasse. Edificaram o mosteiro, com o trabalho de todos. Cultivavam a terra para se sustentarem, com o suor do seu rosto e o trabalho das suas mãos, e para exercitarem o corpo e não serem pesados aos povos. Eram tantas as divinas abelhas que, em cada dia, vinham trabalhar na colmeia do Senhor, cultivando os doces favos de mel, com suas gloriosas virtudes que já não cabiam, num só e, assim, cultivaram um segundo e um terceiro mosteiro, onde coubessem tão soberanos enxames. Iam, de mosteiro em mosteiro, pregando, ensinando e animando todos aqueles novos soldados que, a seu exemplo, se tinham alistado nas tropas de Jesus, sob o estandarte real da Cruz, ao perfume da virtude, doce e suave, a que se haviam dedicado, por divino acordo, os dois irmãos. E todos, conhecendo muito bem a humildade, mansidão, modéstia, continência, parcimónia, prudência e demais virtudes de Lupicino, constituíram-no digníssimo abade daquela monarquia eremítica.

Quando passava, era benigno e carinhoso com os seus súbditos, mas severo em cuidar das almas que, nada permitia, em obra e palavra, que desdissesse da sua vida religiosa e profissão. Romão, ao contrário, tão simples, compreensível e livre de toda a malícia humana, sem reparo, nem qualquer alteração de espírito, permitia-se comunicar com todos, igualmente, tanto homens como mulheres, a todos consolava e acolhia e dava a bênção, em nome de Jesus Cristo. Sendo em todas as outras virtudes tão igual e conforme com o seu irmão que se tornava difícil distinguir qual deles mais se avantajava, Romão sobressaía na modéstia referida que, excessivamente, o caracterizava.

Sucedeu, em certa ocasião, em que Lupicino visitava os seus mosteiros e uma multidão de monges que, neles e fora deles, habitavam. Chegando a hora de comer, entrou num deles e não viu ninguém, porque os monges tinham ido para o campo trabalhar. Entrou na cozinha e examinou, ao fogo, a comida dos monges, repartida em diversas vasilhas, de acordo com os manjares e tudo com muita abundância e disse para si: *Não está bem que os que vivem vida solitária e religiosa comam tão variados e requintados manjares*. Pondo ao lume uma grande caldeira, depositou nela todos aqueles peixes, ervas e as restantes carnes que estavam a ser guisadas, separadamente. E disse: *Para pobres religiosos, são bons mimos, estas papas. Comam-nas, pois que são suficientes para o seu sustento. O resto é só para gula e deleite*. Os monges vieram comer, mas levaram muito a mal que o seu abade tivesse feito tão mau guisado e, doze deles, conferenciando entre si, resolveram abandonar a Deus e voltar ao mundo a que haviam renunciado. E assim, fugindo por aqueles desertos, foram em busca das coisas deliciosas do mundo.

Romão teve, no próprio instante uma revelação da fuga dos monges e, regressando o abade da sua visita, disse-lhe: *Se foste, irmão, para causar a perdição dos nossos irmãos, teria sido melhor que nunca tivesses ido*. Lupicino respondeu: *Meu irmão, muito amado, não te sintas, assim, tão pesaroso com o que aconteceu, pois que hás-de compreender que a eira do Senhor foi limpa e veio o vento favorável para o trigo que se guardou nos celeiros e, a palha lançada fora, como inútil e sem proveito*. Entendendo a metáfora, Romão respondeu, condoído: *Oxalá que nenhum se tivesse ausentado! Mas contudo, meu irmão, peço-te, que me digas quem e quantos saíram?* Lupicino respondeu: *Doze fúteis, empolados e altivos, sem nenhum temor de Deus, pois que neles não habita o Espírito Santo, foram os que fugiram*. Então, Romão, chorando copiosas lágrimas de compaixão e piedade, acrescentou: *Creio e*

*confio, firmemente, na grande misericórdia daquele Senhor que se dignou padecer e morrer por eles, que não há-de permitir a sua total ruína. Antes sim, após esta queda, a sua graça os levantará, juntará ao seu tesouro e fará, como exímio mercador, da perda, um grande ganho.* Ficou calado, em profundo silêncio e rezou por eles e alcançou de Deus que os trouxesse à sua graça. Assim fez o Senhor, suscitando neles uma dor de coração tão grande do erro passado que, fazendo penitência, chegaram a um muito alto grau de perfeição e instituíram uma nova congregação. Fundaram um novo mosteiro e, ainda hoje, perseveram os monges e seus sucessores, em contínuos louvores a Deus. Romão, com a sua oração, obteve tanto bem. E sabendo-o, por divina revelação, que Deus lhe fizera esse grande favor, nem por isso se inchou, antes perseverava, mais humilde, na sua singeleza e boas obras, visitando os enfermos e socorrendo a todos, com a sua oração contínua.

Sucedeu, pois, que, indo um dia visitar os seus irmãos monges, a noite o apanhou naquele deserto, sem encontrar outro albergue, a não ser um pobre hospício onde se curavam e viviam de leprosos (os mais abandonados) que, na altura, eram nove. Logo que os viu, o seu coração encheu-se de compaixão e piedade, pois que nele abundava o amor e a caridade de Deus. Fez aquecer um pouco de água, lavou os pés a todos e, disposta uma só e espaçosa cama, em que coubessem, se deitou com eles, sem que o seu coração nutrisse aquele horror de tão grande mal que, a todos naturalmente causa, por ser mais contagioso que a peste. Deitados os dez, os nove leprosos dormiam, só Romão velava, não dominado pela apreensão de contágio, mas porque cantava salmos e doces hinos de louvor a Deus. Enquanto cantava os salmos, estendeu a mão e tocou num dos leprosos que, instantaneamente, se viu livre da lepra. Tocou noutro que logo ficou curado. Despertaram e, vendo-se milagrosamente sãos e limpos, cada um despertou os companheiros mais próximos, a fim de pedirem a Romão que os curasse, como a eles. *Mas, oh! Bondade do nosso grande Deus e poder de grande virtude do seu servo humilde Romão.* Mal, os já curados e limpos da lepra, tocaram os restantes companheiros, estes ficaram, como eles, limpos e sãos. Fora apenas tocar-lhes, para despertá-los e todos ficaram tão sãos e bons, como se, na sua vida, nunca tivessem tido lepra, nem qualquer outro mal. Chegando a aurora, alegrando-se com a simplicidade de Romão, já dia claro, olhando-os a todos e, vendo-os sãos, limpos e com um novo fulgor no rosto e nas mãos, em vez das manchas e infecção da contagiosa lepra, deu graças a Deus, pela sua grande piedade e misericórdia sempre infinita. Despedindo-se deles e abraçando-os carinhosamente, insistiu muito que se exercitassem sempre nas coisas de Deus e do seu serviço, se não quisessem que os castigasse com nova lepra.

Como Lupicino considerasse, por idade já avançada e cansada, tanto ele como Romão, seu irmão, que já não iriam viver muito, disse, um dia, o seguinte: *Diz-me, irmão caríssimo, em qual mosteiro nosso desejas que te prepare sepultura, para que também a prepare para mim? Porque queria que ficássemos sepultados juntos, nós que vivemos juntos.* Romão respondeu: *Eu, meu irmão, estimo-te e desejo retribuir-te tão carinhoso afecto. Mas quero que saibas que não desejo ser sepultado em mosteiro, onde não podem entrar mulheres. Já sabes que a mim, vilíssima criatura, a mais indigna do mundo e a que menos sabe agradar a Deus, quis a divina Majestade, só por Ser quem é, comunicar-me a graça de curar e remediar todas as enfermidades, tocando apenas com as minhas mãos e fazendo o sinal da santa cruz. Por isso, quero que a minha sepultura esteja fora de mosteiro, para que todos, homens e mulheres, aproveitem o favor do remédio que, em suas aflições, necessidades e enfermidades, venham a pedir-me, pois te asseguro que o concurso será sempre grande.*

Aconteceu, pois, o que o servo de Deus tinha profetizado. Logo que adormeceu no Senhor, foi sepultado fora do mosteiro, num montículo distante dele e onde, depois, se edificou uma sumptuosíssima igreja, a que vão muitíssimos homens e mulheres, de diversas partes do mundo. Aí buscam saúde e remédio e regressam a suas casas sãos, bons e consolados: os cegos vêem, os surdos ouvem, os mudos falam, os coxos andam. Os mancos e mutilados curam-se, os paráliticos levantam-se, os leprosos são limpos, os energúmenos libertam-se da moléstia dos espíritos imundos, os mortos ressuscitam, e, finalmente, são

muitos os milagres que Deus, cada dia, opera, pela intercessão do seu bendito servo, Romão. Pouco tempo depois, Lupicino, seu irmão, dando graças a Deus por tudo, entregou nas Mãos do Senhor, o seu espírito. Foi sepultado dentro do mosteiro, na sua igreja, deixando ao Senhor, pelo espiritual tesouro que lhe havia encomendado, multiplicados os talentos, com grande crescimento e prosperidade, numa multidão de congregações santas que, dia e noite, se ocupam a cantar os divinos louvores e os doces hinos das eternas glórias.

A morte destes dois irmãos deu-se pelos anos de 565<sup>1</sup>, no tempo do já referido Chilperico, rei dos Francos. A Igreja celebra a festa de S. Romão a 28 de Fevereiro e a de S. Lupicino a 21 de Março. Nestes dias a colocam: Beda, Usuardo, Adon, S. Gregório de Tours, Surio e o Martirológio romano, e muitos outros.

Está tão cheia de prodígios a vida destes dois irmãos.

Se nos voltarmos para Romão, veremos a simplicidade de espírito, com que tratava, por igual, os bons e maus (a estes para que fossem bons e àqueles para que fossem melhores). A estes para que fossem bons com os homens e as mulheres, os enfermos e os sãos, sendo tudo para todos. Nele encontravam saúde, remédio e consolo: aquela graça que Deus lhe havia comunicado, pois que, bastava tocar com a mão, para curar, de qualquer doença e dor, o que ela tocava, como se viu nos leprosos e em muitos outros. Nele, a rainha das virtudes foi a caridade (pois que só por ela lhe comunicou Deus a sua graça), até ao fim dos seus dias e depois de morto. Pois que só a caridade o pôde trazer, para fora do seu mosteiro, depois de morto, quem nele viveu, sepultado vivo. Bem se vê que fora assim, na resposta que deu ao seu irmão, quando lhe perguntou onde queria ser sepultado. E ele, a quem a caridade fez profeta, disse: fora do mosteiro, onde possam entrar homens e mulheres, para que, desse modo, pudesse remediar a todos igualmente, como o faz com tão grande número de milagres, por quem Deus será eternamente louvado e bendito, no seu servo.

Cfr.: Padre Pedro de Rivadeneyra, *Flos sanctorum*, t. I, pp. 395-400, Barcelona, 1790

## **CULTO**

Réau coloca a vida e morte de São Lupicino, irmão de São Romão, no século V (+ 480), patrono de Saint Claude, no Franco Condado. Uma igreja da região do Jura está sob a sua advocação. Dela procedem os evangelhos de S. Lupicino (Évangiles de Sain Lupicin), manuscrito carolíngio do século IX, na Biblioteca nacional de França, desde 1794. Ao redor do mosteiro de la Baume, se agrupou a cidadezinha de St. Romain-de-Roche. Este convento gozava de grande reputação em França, devido ao bom espírito, à vida santa que aí se levava.

## **Iconografia**

Propõe-se: o bastão, o cabelo e barba (de ancião), a mão (que abençoa – taumaturgo) vestes talares e capa apanhada, de monge missionário, para o distinguir do bispo (embora abade), do mártir e do jovem.

## **Representações**

Fuga dos monges, cura dos leprosos e muitas outras curas.

## **– S. Romão, bispo de Ruão (Festa 23 de Outubro), séc. VII**

Lat.: *Romanus Rotomagensis*. Fr. Arc.: *Rome, Roumain*; Arroman. Armon. Fr.: *Romain de Rouen*. It.: *Romano*. Al.: *Romanus von Rouen*. Pt.: *Romão*

Bispo de Ruão durante o reinado de Clóvis, entre 626 e 638. Consta que terá destruído um templo de Vénus. Além disso, a legenda refere numerosos milagres.

Quando se disponha a celebrar o baptismo, advertiu que o recipiente com o santo óleo fora esquecido. Um clérigo correu a buscá-lo, mas com a pressa, partiu a âmbula. O bispo pôs-se em oração e de imediato aconteceu o milagre: os fragmentos de vidro voltaram a reconstruir o recipiente entre sus dedos, depois, apoiando o orifício da âmbula sobre o chão do baptistério, o azeite derramado se introduziu nela até enchê-la.

---

<sup>1</sup> Réau refere o ano 480, ao tratar de Lupicino, abade, irmão de São Romão, em *Iconografía del arte cristiano*, t. 2 vol. 4, p. 285.

Resistiu à tentação da concupiscência, como santo Antão, com o diabo, disfarçado de mulher, *in specie Veneris*», como ardil para confundir e vencer a sua virtude. Numa noite de inverno, estando em oração no seu quarto, uma mulher nua chamou à porta. Primeiro, duvidou abrir, mas ao vê-la a tiritar de frio, teve piedade. A mulher aqueceu-se ao lume e, subitamente, se soltou o cabelo. O santo estava em perigo de cair nas redes da diabólica sereia quando, no momento decisivo, se apresentou um anjo do Senhor que a pôs em fuga.

O mais popular dos seus milagres foi a luta que teve com um dragão monstruoso chamado a *Gárgola* que devastava os arredores de Ruão. O rio Sena tinha transbordado e São Romão ordenou-lhe que regressasse ao seu leito, mas do canal saiu um dragão terrífico. O bispo avançou com valentia ao seu encontro, acompanhado apenas por um condenado à morte, o único que aceitou segui-lo. São Romão conseguiu atar o monstro e torná-lo inofensivo, passando-lhe a estola à volta do pescoço.

Em comemoração deste acontecimento, o arcebispo e o capítulo da catedral de Ruão conservaram até à Revolução, o direito de indultar um criminoso condenado à morte pela festa da Ascensão. Era o que se chamava o *Privilegio de São Romão* (Saint Romain) ou da *Fierte* (orgulho ou soberba). Tal milagre é mencionado em 1394. Talvez, por isso, para justificar o direito de graça que todos os anos exercia o arcebispo de Ruão, em favor de um condenado. Com efeito, não consta no ciclo detalhado da vida de São Romão, no embasamento da portada da Calenda, na catedral de Ruão. Só muito mais tarde quando São Romão se converteu em patrono *dos condenados a morte*.

#### **CULTO**

Invocava-se contra a embriaguez, o delírio e o envenenamento.

#### **Iconografia**

Insígnias de bispo e a *Gárgola* vencida, enlaçada pela estola.

#### **Representações**

**Século XIII:** Quadrifólios do embasamento da portada da Calenda. Catedral de Ruão. **Século XVI:** Vitral do braço sul do transepto da catedral de Ruão. 1521. - Vitral da capela de Saint Romain na igreja de Saint Godard, Ruão; 1551. - Vitral da igreja de Sainte Foy de Conches (Eure).

#### **– São Romão de Blaye (Festa em 24 de Novembro)**

**Lat.:** Romanus de Castro Blaviae. **Fr.:** Romain de Blaye. **Al.:** Romanus von Blaye.

Discípulo de São Martinho de Tours que o ordenara sacerdote e o enviara a evangelizar a região de Blaye, próxima de Bordéus, e aí morre em 385. Na 2ª metade do século IV, edificou-se uma basílica para acolher os restos mortais de S. Romão. A tradição afirma que se tornou lugar de sepultura dos reis da Aquitânia e, posteriormente, de Roland, morto em Roncesvalles. Tornar-se-á lugar importante de passagem, no caminho de Santiago de Compostela.

#### **Culto**

No século VI, em Blaye, fundou-se uma abadia de agostinhos sob sua advocação.

Patrono dos *peregrinos* de Santiago de Compostela e dos *marinheiros* de Gironde que o invocavam em perigo de naufrágio.

#### **– São Romão de Constantinopla (Festa em 1 de Outubro).**

**Gr.:** Romanos. **Lat.:** Romanus Melodus. **It.:** Romano il Melodo. **Fr.:** Romain le Mélode de Constantinople. **Al.:** Romanus der Singer, der Melode. **Rus.:** Romane Sladkopevets (o doce cantor).

Diácono sírio oriundo de Emeso (Homs), Síria, que nos começos do século VI viajou para Constantinopla e incorporou-se na igreja de Kyros ou, segundo outra versão, ingressou na basílica de Santa Sofia, como simples sacristão. É o mais célebre dos himnógrafos bizantinos: *princeps melodorum*. Os seus «kontakia» (cânticos / sermões) de louvor à Virgem foram admirados como obras-primas.

A legenda impõe uma explicação num milagre, em que a Santíssima Virgem teria favorecido Romão. Durante o ofício solene de Natal, um dos clérigos deveria cantar no alto do púlpito. Para se divertirem à sua custa, burlando-o, pois que o consideravam ignorante e inepto para o canto, os seus companheiros conseguiram que Romão fosse designado para essa função. O pobre Romão rezou e chorou, muito tempo, diante da imagem da Virgem. E, durante a noite, enquanto Romão dormia, a Santíssima Virgem apareceu-lhe e entregou-lhe um rolo de pergaminho e disse-lhe que o devorasse, como o fizeram antes o profeta Ezequiel e São João, no Apocalipse. No pergaminho havia um *kontakion* escrito. Ao despertar, quando chegou a hora do ofício solene, Romão tinha digerido tão bem a sua lição, que se pôs a cantar com voz doce um cântico admirável, na presença do imperador e do patriarca, acerca da Virgem que deu à luz aquele que não teve princípio... A partir de então os hinos à Virgem brotaram dos seus lábios como a água de uma fonte.

Romão, o Melodista, nasceu por volta de 490 em Emesa (hoje, Homs), na Síria. Teólogo, poeta e compositor, pertence à grande pléiade de teólogos que transformaram a teologia em poesia. Pensemos no seu compatriota, Santo Efrém da Síria, que viveu duzentos anos antes dele. Mas pensemos também em teólogos do Ocidente, como Santo Ambrósio, cujos hinos ainda hoje fazem parte da nossa liturgia e sensibilizam também o coração; ou num teólogo, num pensador de grande vigor como S. Tomás, que nos transmitiu os hinos da festa do *Corpus Christi* de amanhã; pensemos em São João da Cruz e em muitos outros. A fé é amor, e por isso cria poesia e música. A fé é alegria, e por isso cria beleza.

Assim Romano, o Melodista, é um deles, um poeta e compositor teólogo. Tendo aprendido os primeiros rudimentos de cultura grega e síria na sua cidade natal, ele transferiu-se para Berito (Beirute), aperfeiçoando aí a educação clássica e os conhecimentos retóricos. Tendo sido ordenado diácono permanente (515 ca.), ali foi pregador durante três anos. Em seguida, transferiu-se para Constantinopla por volta do final do reinado de Anastácio I (518 ca.) e ali estabeleceu-se no mosteiro, junto da igreja da *Theotókos*, a Mãe de Deus. Aí teve lugar o episódio-chave da sua vida: o *Sinaxário* informa-nos sobre a aparição em sonho da Mãe de Deus e sobre o dom do carisma poético. Com efeito, Maria obrigou-o a engolir uma folha enrolada. Quando acordou na manhã do dia seguinte era a festa da Natividade do Senhor. Romano começou a declamar do ambão: "Hoje, a Virgem dá à luz o Transcendente" (*Hino "Sobre a Natividade" I. Proémio*). Assim, tornou-se homilista-cantor até à sua morte (depois de 555).

Romano permanece na história como um dos mais representativos autores de hinos litúrgicos. Nessa época, para os fiéis a homilia era praticamente a única ocasião de educação catequética. Assim, Romano apresenta-se como testemunha eminente do sentimento religioso da sua época, mas também de um modo vivo e original, de catequeta. Através das suas composições, podemos dar-nos conta da criatividade do pensamento teológico, da estética e da hinografia sagrada daquela época. O lugar em que Romano pregava era um santuário da periferia de Constantinopla: ele subia ao ambão, posto no centro da igreja, e falava à comunidade recorrendo a uma encenação bastante penosa: utilizava representações murais ou ícones, dispostos sobre o ambão e socorria-se também do diálogo. As suas homilias eram métricas cantadas, chamadas "kontáki" (*kontákia*). Parece que o termo *kontákion*, "pequena vara", se refere à pequena haste ao redor da qual se envolvia o rolo de um manuscrito litúrgico ou de outro tipo. Os *kontákia* que chegaram até nós sob o nome de Romão, são oitenta e nove, mas a tradição atribui-lhe mil.

Em Romão, cada *kontákion* é composto de estrofes, sobretudo de dezoito a vinte e quatro, com igual número de sílabas, estruturadas segundo o modelo da primeira estrofe (*irmo*); os acentos rítmicos dos versos de todas as estrofes modelam-se segundo os acentos do *irmo*. Cada estrofe termina com um estribilho (*efimnio*), de resto idêntico para criar a unidade poética. Além disso, as iniciais de cada estrofe indicam o nome do autor (*acróstico*), muitas vezes precedido do adjetivo "humilde". Uma prece em relação aos acenos celebrados ou evocados conclui o hino. Quando terminava a leitura bíblica, Romano cantava o *Proémio*, sobretudo em forma de oração ou de súplica. Assim, anunciava o tema da homilia e explicava o *estribilho* a repetir em coro no final de cada uma das estrofes, por ele declamada com cadência em voz alta.

Um exemplo significativo é-nos oferecido pelo *kontákion* para a Sexta-Feira da Paixão: é um diálogo dramático entre Maria e o Filho, que se desenvolve no caminho da cruz. Maria diz: "Aonde vais, Filho? Por que percorres tão rapidamente o percurso da tua vida? / Jamais teria acreditado, ó Filho, que te veria nesta condição, / e nunca teria imaginado que a tal ponto de furor chegariam os ímpios / de lançar as mãos sobre ti, contra toda a injustiça". Jesus responde: "Por que choras, minha Mãe? [...] Não

*deveria eu padecer? Não deveria morrer? / Então, como poderia salvar Adão?"*. O Filho de Maria consola a Mãe, mas exorta-a ao seu papel na história da salvação: *"Depõe, portanto, Mãe, depõe a tua dor: / não te convém o gemer, porque foste chamada "cheia de graça" (Maria aos pés da cruz, 1-2; 4-5)*. Depois, no hino sobre o sacrifício de Abraão, Sara reserva a si a decisão sobre a vida de Isaac. Abraão diz: *"Quando Sara ouvir, meu Senhor, todas as tuas palavras, / conhecendo esta tua vontade, ela dir-me-á: / Se aquele que no-lo concedeu volta a tomá-lo, por que no-lo deu? / [...] Tu, ó sentinela, deixa-me o meu filho, / e quando aquele que te chamou o quiser, terá que dizê-lo a mim" (O sacrifício de Abraão, 7)*.

Romano não adopta o solene grego bizantino da corte, mas um grego simples, próximo à linguagem do povo. Aqui, gostaria de citar um exemplo do seu modo audaz e muito pessoal de falar do Senhor Jesus: chama-lhe *"fonte que não arde e luz contra as trevas"*, e diz: *"Ouso ter-te na mão como uma lâmpada; / com efeito, quem leva uma candeia no meio dos homens é iluminado sem arder. / Ilumina-me, pois, Tu que és a Lâmpada inextinguível" (A Apresentação, ou Festa do Encontro, 8)*. A força de convicção das suas pregações fundava-se na grande coerência entre as suas palavras e a sua vida. Numa oração, ele diz: *"Torna clara a minha língua, meu Salvador, abre a minha boca / e, depois de a ter enchido, trespassa o meu coração, para que o meu gesto / seja coerente com as minhas palavras" (Missão dos Apóstolos, 2)*.

Agora, analisemos alguns dos seus temas principais. Um tema fundamental da sua pregação é a **unidade** da acção de Deus na história, a unidade entre criação e história da salvação, a unidade entre o Antigo e o Novo Testamento. Outro tema importante é a pneumatologia, ou seja, a **doutrina sobre o Espírito Santo**. Na Festa do Pentecostes, ele ressalta a continuidade que existe entre Cristo que subiu ao céu e os Apóstolos, ou seja, a Igreja, enquanto exalta a sua acção missionária no mundo: *"[...] com virtude divina conquistaram todos os homens; / tomaram a cruz de Cristo como uma caneta, / utilizaram as palavras como redes e, com elas, pescaram o mundo, / tiveram o Verbo como anzol afiado, / como isca tornou-se para eles / a carne do Soberano do universo" (O Pentecostes, 2; 18)*.

Outro tema central é, naturalmente, a **crisologia**. Ele não entra no problema dos conceitos difíceis da teologia, tão debatidos naquela época, e que também muito dilaceraram a unidade não só entre os teólogos, mas também entre os cristãos na Igreja. Ele prega uma crisologia simples mas fundamental, a crisologia dos grandes Concílios. Mas sobretudo, está próximo da piedade popular de resto, os conceitos dos Concílios nasceram da piedade popular e do conhecimento do coração cristão e assim Romão sublinha o facto de que Cristo é verdadeiro homem e verdadeiro Deus, e sendo verdadeiro Homem-Deus, é uma só pessoa, a síntese entre a criação e o Criador: nas suas palavras humanas, ouvimos falar o próprio Verbo de Deus. *"Era homem diz Cristo, mas também era Deus, / porém não dividido em dois: é Um só, Filho de um Pai que é Um só" (A Paixão, 19)*. Quanto à **mariologia**, grato à Virgem pelo dom do carisma poético, Romão recorda-a no final de quase todos os hinos e dedica-lhe os seus *kontáki* mais lindos: *Natividade, Anunciação, Maternidade divina e Nova Eva*.

Enfim, os **ensinamentos morais** referem-se ao juízo final (*As dez virgens, [II]*). Ele conduz-nos para este momento da verdade da nossa vida, do confronto com o Juiz justo, e por isso exorta à conversão na penitência e no jejum. De modo positivo, o cristão deve praticar a caridade, a esmola. Ele acentua o **primado da caridade** sobre a continência em dois hinos, as *Bodas de Caná* e as *Dez virgens*. A caridade é a maior das virtudes: *"[...] dez virgens possuíam a virtude da virgindade intacta, /mas para cinco delas o árduo exercício não deu fruto. / As outras brilharam pelas lâmpadas do amor pela humanidade, / e foi por isso que o esposo as convidou" (As dez virgens, 1)*.

**Humanidade palpitante, ardor de fé e profunda humildade permeiam os cantos de Romão, o Melodista**. Este grande poeta e compositor, lembra-nos todo o tesouro da cultura cristã, nascida da fé, nascida do coração que se encontrou com Cristo, com o Filho de Deus. **Deste contacto do coração com a Verdade que é Amor nasce a cultura, nasceu toda a grande cultura cristã**. E se a fé permanecer viva, também esta herança cultural não morrerá, mas permanecerá viva e presente. Os ícones falam também hoje ao coração dos fiéis, não são realidades do passado. As catedrais não são monumentos medievais, mas casas de vida, onde nos sentimos "em casa": encontramos-nos com Deus e encontramos-nos uns com os outros. Nem sequer a grande música o gregoriano, ou Bach, ou Mozart é algo do passado, mas vive da vitalidade da liturgia e da nossa fé. **Se a fé for viva, a cultura cristã não se tornará algo do "passado", mas permanecerá viva e presente**. E se a fé for viva, também hoje poderemos responder ao imperativo que se reitera sempre de novo nos Salmos: *"Cantai ao Senhor um cântico novo"*. Criatividade, inovação, canto novo, cultura nova e presença de toda a herança cultural na vitalidade da fé não se excluem, mas são uma única realidade; são presença da beleza de Deus e da alegria de ser seus filhos.

**(Bento XVI, audiência geral, Sala Paulo VI, Quarta-feira, 21 de Maio de 2008)**



## REPRESENTAÇÃO

*A aparição da Santíssima Virgem a São Romão*

**Fr.:** L'Apparition de la Vierge. **Al.:** Die Gottesmutter erscheint dem heil. Romanos im Traum.

Este milagre, muito popular em Bizâncio, e mais ainda na Igreja russa, onde quase sempre aparece representado nos ícones de Novgorod, conhecido como o Milagre do Véu, isto é, o da intercessão da Virgem (*Pokrov*). No interior da igreja, debaixo da Virgem do véu que plana sob a cúpula, São Romão, com túnica branca de diácono, está no púlpito e canta inspirado o texto que tem na mão, para grande surpresa dos clérigos que esperavam rir-se à sua custa. O imperador Leão e o patriarca Tarasios mostram-se tocados de admiração.

**Século XI:** Miniatura do Menologio de Basílio. Biblioteca Vaticana, Roma. **Século XV:** Ícone de Novgorod nos Museus de Leningrado e Moscovo.

### Iconografia

Dalmática e com o rolo (livro ou folha) na mão.

**Cfr. Louis Réau, Iconografia del arte cristiano, t. 2, vol.5, pp. 141-143, Ed. Serval, Barcelona**  
**Tradução e organização MA**